

O QUE A BÍBLIA DIZ OU NÃO DIZ SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Mario Werneck Filho
Juliana Lima Ribeiro¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre as controvérsias em torno das interpretações bíblicas a respeito da homossexualidade. Interpretações, por sua vez, restritivas e moralistas, acarretando preconceito e discriminação para as pessoas homossexuais na vivência cristã. À vista disso, observou-se a necessidade de refletir isoladamente os textos bíblicos atribuídos à homossexualidade (Gn 19, Jz 19, Lv 18,22; 20,13, Rm 1,26-27, 1Cor 6,9-10; 1Tm 1,9-11), no intuito de resgatar sua originalidade, conforme o contexto e a finalidade. Mediante a pesquisa realizada, é possível constatar que algumas das passagens abordam o tema em si, e que as demais foram relacionadas a partir de interpretações posteriores. Conclui-se que é um erro servir-se dessas passagens para julgar e condenar as pessoas homossexuais sem que haja um prévio conhecimento e discernimento sobre seu conteúdo e significado.

Palavras-chave: Bíblia. Homossexualidade. Interpretação.

Abstract: *This article aims to reflect about controversies surrounding biblical interpretations of homosexuality. In turn, restrictive and moralistic interpretations, causing prejudice and discrimination for homosexual people in the Christian experience. In view of this, there was a need to reflect in isolation the biblical texts attributed to homosexuality (Gen 19, Jz 19, Lev 18,22; 20,13, Rom 1,26-27, 1Cor 6,910; 1Tm 1, 9-11), in order to recover its originality, according to the context and purpose. Through the research, it is possible to find that some of the passages address the theme itself, and that the others were related from later interpretations. It follows that it is a mistake to use these passages to judge and condemn homosexual people without prior knowledge and discernment about their content and meaning.*

Keywords: Bible. Homosexuality. Interpretation.

INTRODUÇÃO

Homossexuais de diferentes tradições cristãs já sofreram algum tipo de discriminação em detrimento de sua orientação sexual. Os discursos mais proferidos são: “a Bíblia condena;” “a homossexualidade é pecado;” “é uma abominação;” “é contra a natureza”, dentre outras, que estigmatizam e geram conflitos para as pessoas homossexuais em nível existencial, social e acima de tudo, espiritual. Jargões baseados em uma leitura fundamentalista e descontextualizada das passagens atribuídas à homossexualidade, interpretações que agravaram a repulsa, a segregação e a promulgação

¹ Doutor em Ciência da Religião, professor do ISTA e da PUC Minas. Graduanda do curso de Teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino, Belo Horizonte/MG.

de decretos eclesiásticos contra essas pessoas, reforçam os mecanismos de exclusão e perseguição, levando muitos ao cárcere e/ou a morte (Cf. MOSER, 2001, p. 242).

Este artigo dedica-se a um resgate dos textos alusivos à homossexualidade nas Sagradas Escrituras, em uma tentativa de situá-los de acordo com seu contexto e finalidade, contrapondo as interpretações restritivas e moralistas presentes na história do cristianismo, que impõem um terrível fardo na vida dessas pessoas. Não existe nenhuma pretensão de opor-se aos ensinamentos do Magistério da Igreja, mas salvaguardar a originalidade da Palavra, que em diversas ocasiões tem sido manipulada para justificar atitudes arbitrárias de preconceito e violência contra as pessoas homossexuais.

Conforme os estudos realizados, constatou-se que são poucas as passagens bíblicas que tratam o tema da homossexualidade, realidade presente tanto no Primeiro como no Segundo Testamento. Algumas delas abordam o tema em si, outras foram relacionadas a partir de interpretações posteriores. Os textos analisados são: Gn 19, Jz 19, Lv 18,22; 20,13, Rm 1,26-27, 1Cor 6,9-10; 1Tm 1,9-11.

1 HOMOSSEXUALIDADE NO PRIMEIRO TESTAMENTO

As duas grandes passagens bíblicas do Primeiro Testamento atribuídas à homossexualidade são (Gn 19 e Jz 19), no entanto, estas possuem como pano de fundo o descumprimento das leis sagradas de hospitalidade, passagens que ao longo da história foram associadas às práticas homossexuais e, conseqüentemente, consideradas como pecado. Enquanto que Lv 18,22 e 20,13 fazem referência à homossexualidade, mas sob outra ótica.

Mesmo que Gn. 19,1-29 seja um dos textos mais antigos atribuídos a homossexualidade, as análises exegéticas apontam, em primeiro lugar, para um descumprimento das leis de hospitalidade, um dos pilares das sociedades antigas (Cf. TEP, 1994, p. 49) e princípio sagrado entre os filhos do deserto (Cf. BESSON, 2015, p. 61). Realidade similar veremos em Jz 19,1-30. Originalmente, os capítulos 18 e 19 formavam uma unidade com o capítulo 13, quando Abrão e Lot decidiram seguir caminhos diferentes, em vista da rixa entre seus pastores, fato que altera a ordem cronológica e temática do texto em questão. A segunda alteração encontra-se em Gn 18,17-32, sobre o tema da ira divina, reflexão posterior à destruição de Jerusalém no período exílico, onde Israel temia sua aniquilação como povo e se questionava se os justos deveriam sofrer a mesma sorte que os injustos.

Nessa perspectiva, em Gn 13,13-14, a população de Sodoma é apresentada como criminosa e pecadora, fazendo ligação com Gn 18,20-21: “o grito contra Sodoma e Gomorra é muito grande! Seu pecado é muito grave! Vou descer e ver se eles fizeram ou não tudo o que indica o grito que, contra eles, subiu até mim; então ficarei sabendo”. Verifica-se que ambas cidades são apresentadas como pecadoras antes mesmo dos fatos ocorridos em Gn 19,1-21.

No capítulo 18,1-15, Abraão deu mostras de hospitalidade com os três desconhecidos, prefigurando a de Lot e contrapondo a hostilidade dos habitantes de Sodoma. Neles reconheceu a presença do próprio Deus (Cf. v. 3). Observa-se que o relato oscila entre o plural e o singular, representando a ação do próprio Deus ou ainda uma ação em conjunto (Cf. TEB, 1994, p. 49).

Em Gn 19,1-21, *Iahweh* “desce” a Sodoma para certificar-se das acusações que contra ela chegavam aos seus ouvidos, com a decisão de destruí-la, caso comprovada a gravidade de seus pecados. Diferentemente da narrativa anterior, dois anjos foram enviados a Sodoma e Gomorra. Lot teve com eles os mesmos gestos de acolhida e hospitalidade ofertados por Abraão (Cf. 19, 1-4). A partir do v.5, entra em cena a controvérsia deste capítulo:

Eles não tinham ainda deitado quando a casa foi cercada pelos homens da cidade, os homens de Sodoma, desde os jovens até os velhos, todo o povo sem exceção. Chamaram Ló e lhe disseram: onde estão os homens que vieram para tua casa esta noite? Fazei-os sair para nós, para que os conheçamos. Ló saiu à porta e, fechando-a atrás de si, disse-lhes: Suplico-vos, meus irmãos, não façais o mal! Ouvi: tenho duas filhas que ainda são virgens; posso fazê-las sair para vós; façais com elas o que bem vos parecer, mas a estes homens nada façais, porque entraram sob a sombra de meu teto. Mas eles responderam: retira-te daí! Um que veio como estrangeiro agora quer ser juiz! Pois bem, nós te faremos mais mal que a eles! Arremessaram-se contra ele, Ló, e chegaram para arrombar a porta. Os homens, porém, estendendo o braço, fizeram Ló entrar para junto deles, na casa, e fecharam a porta. Quanto aos homens que estavam na entrada da casa, eles os feriram de cegueira, do menor até o maior, de modo que não conseguiam encontrar a entrada (Gn 19,5-11).

Consta que todo o povo, desde o mais jovem até o mais velho, cercou a casa de Lot, dado que permite supor a presença de mulheres e crianças, não apenas de homens como se alega (Cf. v. 4). Contrário à hospitalidade anteriormente demonstrada, os habitantes de Sodoma se apresentam com hostilidade, exigindo conhecer os dois homens. O verbo conhecer *yadá* pode ser interpretado de duas formas: interesse em averiguar a

procedência, bem como as intenções dos viajantes, uma vez que se tratava de forasteiros, por outro lado, aponta para uma concepção sexual como em Gn 4,1.

Entretanto, a atitude arbitrária de Lot, em oferecer as próprias filhas deixa aberta a possibilidade de um atentado homossexual, mas, antes de tudo, verifica-se o cumprimento do dever de hospitalidade levado à radicalidade, acima do valor e da honra de uma mulher, ser considerado inferior na mentalidade semita.

A violência foi impedida pelos próprios anjos, que em seguida revelaram o motivo de sua presença (Cf. v.13). Ló e sua família foram salvos por ser considerados justos, ou seja, observantes dos mandamentos do Senhor. Verifica-se, de acordo com Gn 19,1-11, que a falta de Sodoma foi, em primeiro plano, contra a lei “sagrada” da hospitalidade, um preceito observado por Israel:

Quando um estrangeiro viver na terra de vocês, não o maltratem. O estrangeiro residente que viver com vocês deverá ser tratado como o natural da terra. Amem-no como a si mesmos, pois vocês foram estrangeiros no Egito. Eu sou o SENHOR, o Deus de vocês (Lv 19,33-34).

Princípio que atualmente é resguardado pelos direitos humanos e observado por diversas nações. De acordo com Gomes e Trasferetti, as alusões feitas a Sodoma e Gomorra em outros textos bíblicos se referem a essas cidades como símbolos do pecado e da corrupção, mas não propriamente ao âmbito sexual. Em Ecl 16,8, estão associadas ao orgulho; em Sb 19,14; Mt 10,14-15 e Lc 10,10-12, pela falta de hospitalidade; em Is 3,9, pela injustiça; em Jr 23,14, pelo relaxamento dos costumes. É na carta de Judas que esses textos são retomados sob a ótica sexual (Cf. GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 67).

A passagem de Jz 19 é análoga a Gn 19: estrangeiros sendo acolhidos por estrangeiros (v. 16-18). Por detrás dessa narrativa, encontra-se o conflito entre as tribos de Benjamim e de Efraim. Observa-se que a hospitalidade aparece como um dos elementos centrais: (Cf. v. 3-9 e 15-26), como em (Gn 18-19). As leis de então prescreviam que, na ausência de albergues, era um dever de todo cidadão acolher a um viajante (Cf. TEB, 1994, p. 399). O v. 15 demonstra que esse princípio não foi seguido pelos benjaminitas: “o levita entrou e sentou-se na praça da cidade, mas ninguém o acolheu em sua casa para passar a noite” (Jz 19,15). Por outro lado, o levita enfatiza a seu compatriota o contraste entre o fato de ter acesso à casa do Senhor e ninguém querer recebê-lo na própria casa (Cf. TEB, 1994, p. 399).

Verifica-se como contrária a atitude dos habitantes de Guibeá/Gadaá: “gente sem valor” (v. 22a): o ancião teve os mesmos gestos de hospitalidade que Abraão e Lot. O que se segue é similar a Gn 19,1-11, hostilidade a estrangeiros. O verbo conhecer e a oferta da filha em troca do bem-estar dos hóspedes sinalizam uma conotação sexual, entretanto, está como aquela (Gn 19,8), foi rejeitada, pois desejam atingir o desconhecido. Somente a presença de sua concubina os acalmou. Ambos consideraram mais grave a violação das leis de hospitalidade do que a violência a uma mulher (Cf. TEB, 1994, p. 399). Após a agressão cometida e a morte da jovem, todo Israel foi informado do crime e convocado a vingá-lo (v. 29-30). Para os teólogos Ademildo Gomes (1976-) e José Trasferetti (1956-), o que levou aqueles homens a desejar o hóspede do efraimita, assim como em Gn 19, não foi o fato de se tratar de um homem, mas sim de um estrangeiro. O abuso cometido à concubina revela que não havia nenhuma intenção homossexual, mas libertina e infame de humilhar aqueles/as que não pertencessem ao povo (Cf. GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 68-69).

Em suma, essas passagens não excluem o desejo de atos homossexuais, não obstante denunciam a injustiça e o descumprimento das leis “sagradas” de hospitalidade. De acordo com Marciano Vidal (1937-), esses textos foram associados a homossexualidade devido a alguns escritos intertestamentários, como o testamento de Benjamim 9, II Henoch 34, 2 e 10, 4, além dos escritos de Filon de Alexandria e Flávio Josefo [tradução nossa] (Cf. VIDAL, 2012, p. 106).

As outras duas passagens encontradas no Primeiro Testamento que fazem alusão a homossexualidade encontram-se no livro do Lv 18,22; 20,13, sendo as únicas que de fato abordam o tema, entretanto sob o prisma cultural, do puro e do impuro. Para estar apto ao culto a Iahweh, Israel deveria distinguir-se dos demais povos, sobretudo dos egípcios e cananeus, evitando reproduzir seus atos corruptos e idolátricos (Cf. Lv 18,1-4).

Os textos afirmam o seguinte “não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação” (Lv 18,22); “o homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação, deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles” (Lv 20,13). Esses versículos fazem parte do conjunto literário da “Lei de santidade”, que estabelece uma lista de preceitos e sentenças para que Israel permaneça santo, como seu Senhor e preserve sua identidade religiosa. Santidade, neste sentido, representa a conformidade ritual (Cf. BESSON, 2015, p. 59-60).

O capítulo 18 é uma composição de várias tradições antigas que foram interligadas. Nele encontramos diversas proibições sexuais que abarcam desde o ambiente familiar (v. 6-18), ao religioso (v. 19-23), referindo-se a tudo aquilo que torna inapto para o culto a Iahweh. A proibição da relação sexual entre pessoas do mesmo sexo encontra-se nesta perícopes (v. 22), ao lado da proibição da coabitação com uma mulher menstruada (v. 19), ou com a mulher do vizinho (v. 20), bem como a copulação com animais, considerada bestialidade (v. 23) e a proibição de práticas idolátricas (Cf. GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 69). Preceitos que deveriam ser observados por judeus e migrantes (Cf. v. 18,26). Observa-se que todas as advertências: incesto, adultério, estupro, assim como a relação homossexual, são consideradas abominações, nenhuma sobrepõe a outra em gravidade ou importância, todas são faltas contra Iahweh e o bem-estar da comunidade.

O essencial deste capítulo é retomado em (Lv 20), mas do ponto de vista dos dispositivos penais a serem aplicados aos que infringem o comportamento estabelecido (Cf. TEB, 1994, p. 190). Entre essas sentenças, é reafirmada a desaprovação e o castigo para as relações homogenitais (v. 13), por serem associadas aos pagãos e estranhas à ordem do mundo concebida pelos judeus (Cf. BESSON, 2015, p. 60).

A proibição da prática homossexual deve ser compreendida dentro desta mentalidade: puro e impuro (Cf. GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 71), em uma época em que Israel estava vulnerável frente à cultura mesopotâmica que impunha sua religiosidade e costumes aos povos subjugados. Outro fator a ser considerado consiste na própria conjuntura de Israel, que se encontrava enfraquecido, disperso e dividido como povo, motivo pelo qual precisava gerar novos filhos para defender seus direitos, seus exércitos e reerguer-se como uma nação livre e autônoma. Portanto, as relações homossexuais eram abomináveis, ferindo os princípios de subsistência de uma raça, ao desperdiçar a “semente” da vida em um lugar onde não brota e/ou dá frutos.²

Israel também considerava inadmissível e degradante um homem submeter-se ao comportamento feminino, invertendo a ordem estabelecida. De acordo com sua moralidade, cada um deveria assumir seu lugar, conforme o gênero, idade e o status social. Quem transgredisse esses limites, rompia com o código de santidade, uma vez que tudo estava ordenado por Deus (Cf. GOMES, TRASFERETTI, 2011, p. 71).

² Toda exegese bíblica sobre a homossexualidade foi realizada a partir da Bíblia de Jerusalém, TEB e do contato com o texto original contido no Chumash, v. 1, Bereshit (Gn 17-19, p. 65-83); Vaikrá, v. 2 (Lv 18-20, p. 78-95).

Nesse sentido, é um erro submeter essas sentenças à sociedade atual, principalmente às pessoas homossexuais sem que haja o mínimo de conhecimento e discernimento sobre o contexto destas passagens. Posicionamento reiterado pela constituição dogmática *Dei Verbum* (1965) adverte contra leituras fundamentalistas, ao mesmo tempo incentiva os fiéis ao estudo das Sagradas Escrituras, em seus diferentes contextos, linguagens e gêneros literários (Cf. DV 12).

Assim, Lv 18-20 reflete sobre o comportamento heterossexual, enfocando relações baseadas no respeito e na justiça. Unicamente dois versículos fazem referência à atividade homossexual e em uma configuração totalmente diferente do que concebemos hoje por homossexualidade. Observa-se que nenhuma referência é feita sobre a homossexualidade feminina, possivelmente pela invisibilidade social que estas enfrentavam. Por outro lado, constatou-se que Gn 19 e Jz 19 não fazem nenhuma referência a esse tema.

2 HOMOSSEXUALIDADE NO SEGUNDO TESTAMENTO

Assim como no Primeiro Testamento, no Segundo existem poucas referências ao tema da relação homossexual, são elas: Rm 1,26-27; 1Cor 6,9-10; 1Tm 1,9-10, de forma mais explícita nas passagens de 2Pd 6-9; Jd 7, em conformidade com a tradição veterotestamentária, aludindo sobre os castigos infligidos por Deus a todos aqueles que se desviam do caminho, referindo-se aos falsos mestres.

Na pregação de Jesus não existe nenhuma referência sobre a homossexualidade, apesar do conhecimento dessa prática na sociedade judaica de então, devido à influência da cultura helênica disseminada entre os povos subjugados pelo Império Romano. Prática condenada veementemente pelos rabinos. O silêncio de Jesus a esse respeito não significa consentimento, pois para Ele o mais importante não era a procedência de seus ouvintes, mas o desejo de aderirem a sua mensagem (Cf. MOSER, 2001, p. 238).

São alguns dos escritos de Paulo que inserem a temática (Rm 1,26-27; 1Cor 6,9-10; 1Tm 1,9-10), dada a conjuntura da época. Um contexto marcado por uma profunda decadência moral, na qual predominava a busca desenfreada pelo prazer (Cf. GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 73). Entretanto, Roese (2000, p. 72) apresenta outra versão, a partir do culto prestado aos deuses:

Na época de São Paulo era comum as orgias grupais nos cultos de fertilidade pagãos. Nas sociedades romanas, a pedofilia e a prostituição faziam parte das práticas sexuais entre homens, que se inflamavam mutuamente. Homens livres, heterossexuais ou bissexuais desprezavam as esposas e praticavam orgias sexuais

com seus escravos prestando culto aos ídolos (ROESE *apud* MOSER, 2001, p. 241).

Independente da motivação, o ser humano encontrava-se obscurecido, reduzido às suas paixões e instintos, degradando seu corpo e espírito. Por outro lado, Paulo se opõe a essa realidade, pois sua antropologia parte da certeza de sermos membros do corpo de Cristo (Cf. 1Cor 6,12-20), o qual devemos honrar e preservar sua dignidade. O apóstolo também parte da compreensão religiosa de seus antepassados, onde tudo estava ordenado por Deus desde a criação. Cada coisa tinha seu lugar e função, diferenciando-se umas das outras. A expressão máxima da diferenciação organizadora e fecunda encontrava-se na diferenciação sexual.

Deste modo, a relação homossexual representava um retorno à confusão e à esterilidade eliminadas por Deus. Esquecer essa diferenciação era sinônimo de idolatria, já que o ser humano tende a voltar-se para si mesmo, crendo ser seu único Senhor, ilusão que o torna escravo das coisas criadas. À vista disso, relações interpessoais sofrem uma inversão, perde-se a profundidade dos atos sexuais e da relação entre homem e mulher, bem como os valores de solidariedade e fraternidade da vida social e a retidão moral (Cf. MOSER, 2011, p. 240-241; BESSON, 2015, p. 64; BARBAGLIO, 1997, p. 157-158).

Diante dessa realidade, (Rm 1,26-27) afirma o seguinte:

Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro (Rm 1,26-27).

Essa carta tem sua origem na cidade de Corinto (57-58 d.C.), uma grande metrópole grega habitada por gregos, romanos e judeus (Cf. BARBAGLIO, 1989, p. 135-136). Nos primeiros capítulos, Paulo trata da ira e da justiça divina frente a humanidade pecadora (Cf. BESSON, 2015, p. 63), o que explica o rigor de suas palavras. Rm 1,18-32 se refere à condenação do mundo pagão. Nos vv.18-23, eles são acusados de manter a verdade prisioneira da iniquidade e de viver na idolatria. Enquanto os vv. 24-32 evidenciam as implicações de viver no desvio religioso, o que justifica a cólera divina contra eles (Cf. BARBAGLIO, 1997, p. 152-154). Observa-se que Paulo emite seu juízo a partir da mentalidade semita e não helênica, o que consiste em uma atitude arbitrária e parcial.

Paulo apresenta à comunidade uma série de vícios que não conduzem ao Reino de Deus, mas a perdição do corpo e da alma. Catálogo que pode ser encontrado em outros escritos seus (1Cor 5, 10-11; 1Cor 6, 9-10; 2Cor 12, 20-21; Gl 5, 19-21; Cl 3,5-8; Ef 5, 3-5), nos quais é possível constatar sua preocupação sobre o tema da sexualidade e os desvios em relação a ela. Nesse sentido, o pensamento de Paulo também foi influenciado pela filosofia estoica e sua rigidez moral [tradução nossa] (Cf. VIDAL, 2012, p. 109; GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 76-77).

Consta-se que, por três vezes, o texto emprega a expressão “Deus os entregou/abandonou” (24.29.28), termo frequente no Primeiro Testamento (Cf. Jz 2,14; 3,28; Sl 106,41), para expor as consequências de voltar-se contra Deus, deixando-se arrastar por instintos egoístas (Cf. TEB, 1994, p. 2177; BORTOLINI, 1997, p. 30).

No v. 26, encontra-se o acréscimo da homossexualidade feminina, uma raridade nos relatos bíblicos e históricos. A prática homossexual é apresentada como “contra a natureza”, uma categoria estoica assumida por Paulo [tradução nossa] (Cf. VIDAL, 2012, p. 109). Por outro lado, a expressão designa tudo aquilo que é atípico e que foge ao ordinário da ordem estabelecida pela moral judaica como em 1Cor 11,14 (Cf. BESSON, 2015, p. 64).

De acordo com Claude Besson (1948-), esses textos não se aplicam à noção contemporânea de homossexualidade, mas a relações sexuais objetificadas pela busca efêmera do prazer (Cf. BESSON, 2015, p. 65). Paulo também se opôs aos atos sexuais empregados como instrumentos de poder e submissão, tendo em vista que as relações sexuais mediterrâneas de modo geral eram caracterizadas pela desigualdade entre os pares (Cf. GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 53-55).

As passagens de 1Cor 6,9-10; 1Tm 1,9-10 são análogas, no entanto, a carta a Timóteo coloca o acento no cumprimento da Lei mosaica, mas ambas são taxativas em relação à condenação das categorias mencionadas, igualando as relações homossexuais aos crimes de roubo, sequestro e injustiças variadas. Todas constituem uma idolatria e desconformidade com a proposta do Reino apresentada por Jesus. Através dessas exortações, verifica-se que as comunidades experimentavam um enfraquecimento da vivência cristã e uma volta às antigas práticas. As passagens afirmam o seguinte:

Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus (1Cor 6,9-10).

Sabendo, com efeito, que a lei é boa, enquanto seja usada segundo as regras, sabendo que ela não é destinada aos justos, mas aos iníquos e rebeldes, ímpios e pecadores, sacrílegos e profanadores, parricidas e matricidas, homicidas, sodomitas, mercadores de escravos, mentirosos, perjuros, e para tudo o que se oponha à sã doutrina (1Tm 1,8-10).

As palavras *malakoi* (fraco/mole) e *arsenokoítai* (homem que se deita com um homem ou homem que penetra), conforme a interpretação, são traduzidas de diferentes formas: efeminados, invertidos, devassos, pederastas, homossexuais sodomitas, costumes infames, entre outros. Para Besson, não há nada que justifique a aplicação dessas expressões à homossexualidade em si (Cf. BESSON, 2015, p. 65), entretanto, para Marciano Vidal, *arsenokoítai* faz referência direta aos atos homossexuais, mas não ao fenômeno da homossexualidade em sua complexidade existencial [tradução nossa](Cf. VIDAL, 2012, p. 111).

De acordo com Gomes e Trasferetti, as passagens de 2Pd 2, 6-9 e Jd 7, em sintonia com a tradição veterotestamentária, descrevem a culpa dos heréticos, tomando como exemplo a passagem de Gn 19, sob a perspectiva de um pecado sexual (Cf. GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 77), visão maximalista sustentada pela moral cristã ao longo de sua história, subtraindo as reais necessidades do povo de Deus e o compromisso evangélico perante o mundo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No encontro com as Sagradas Escrituras, devemos deixar de lado a pretensão de encontrar respostas prontas, aplicáveis a todas as circunstâncias, sobretudo quando estas são utilizadas para discriminar e condenar alguém. Por meio da pesquisa realizada, constatou-se a importância de resgatar o texto em seu contexto, evitando assim, leituras fundamentalistas, que, por sua vez, promovem a intolerância e o rigor moral.

Conforme analisado, são poucos os textos bíblicos que tratam a questão da homossexualidade. Em Gn 19 e Jz 19, a crítica gira em torno do descumprimento das leis “sagradas” de hospitalidade, um princípio resguardado pelas sociedades antigas. Por outro lado, Lv 18,22 e 20,13 abordam o tema explicitamente, porém sob a perspectiva do puro e do impuro em face de culto a Iahweh. As passagens do Segundo Testamento a esse respeito são apresentadas como práticas idolátricas que degradam o ser humano, desestabilizam a ordem concebida e o afastam da dinâmica do Reino de Deus, uma vez que ele se fecha em si mesmo e aos próprios desejos desordenados.

Concluindo, nem todos os textos estão relacionados à homossexualidade, os que fazem alusão não a expõem em termos atuais, antes de tudo, denunciam as condutas abusivas incompatíveis à dignidade humana e a compreensão cristã sobre o corpo e a sexualidade, orientados para o amor e a comunhão mútua. Razão pela qual jamais deveriam ser utilizados para julgar e condenar as pessoas com orientação homossexual. Contudo, essa interpretação alicerçada na exegese e hermenêutica moderna não é consentida por todos, sobretudo pela própria Igreja e as lideranças eclesiais.

REFERÊNCIAS

BESSION, Claude. **Homossexuais católicos: como sair do impasse**. São Paulo: Loyola, 2015. p. 57-70.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA DE TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.

BORTOLINI, José. **Como ler a carta aos Romanos: o Evangelho é a força de Deus que salva**. São Paulo: Paulus, 1997. p. 28-31.

DEI VERBUM: constituição dogmática sobre a revelação divina. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 17 out. 2019.

FABRIS, Rinaldo. **As cartas de Paulo**. São Paulo: Loyola, 1992. vol. III, p. 234-237. (Coleção Bíblia Loyola 6).

GOMES, Ademildo; TRASFERETTI, José. **Homossexualidade: orientações formativas e pastorais**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 63-80.

MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge: a sexualidade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 211-260.

VIDAL, Marciano. **Sexualidad y condición homosexual en la moral cristiana**. Buenos Aires: San Pablo, 2012. p. 103-112.

ZAJAC, Motel. **Bereshit com Rashi traduzido**. São Paulo: Trejger, 1993. p. 1-13; 6583. (Chumash com comentários de Rashi, 1).

ZAJAC, Motel. **Vailkrá com Rashi traduzido**. São Paulo: Trejger, 1993. p. 80-95. (Chumash com comentários de Rashi, 3).